

RELIGIÃO E SUBJETIVAÇÃO: ANÁLISE DO DIZER DE UMA APENADA PELO VIÉS DE UMA SEMÂNTICA DE BASE DISCURSIVA

RELIGION AND SUBJECTIVATION: AN ANALYSIS OS A SAYING OF A FEMALE INMATE THROUGH A DISCURSIVE BASED SEMANTICS

DOI: 10.19177/memorare.v7e12020209-222

Dionatan Born Garcia¹
Monize Naiara Barbosa²
Luciana Iost Vinhas³

Resumo: O presente estudo, tendo como base a Análise de Discurso proposta por Michel Pêcheux, traz uma reflexão acerca dos efeitos de sentido relacionados ao funcionamento linguístico a partir da análise de um dizer de uma apenada. É realizado o recorte de uma sequência discursiva na qual a apenada entrevistada aborda a sua identificação com uma religião. A análise empreendida, articulada a uma teorização sobre a operação das formações discursivas e do interdiscurso no processo de interpelação ideológica, traz elementos importantes para a compreensão dos efeitos da ideologia na forma como o sujeito se subjetiva. A convocação de uma semântica de base discursiva se mostra, portanto, produtiva no trabalho, a fim de relacionar o funcionamento linguístico ao processo de constituição do sentido a partir de elementos da exterioridade.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Formação Discursiva Evangélica. Apenada.

Abstract: The present study, which has as a theoretical basis the Discourse Analysis proposed by Michel Pêcheux, offers some thoughts concerning the sense effects related to the syntactic operation through the analysis of the speech of a female inmate. The study selects a discursive sequence in which the inmate who was interviewed talks about her identification with a religion. The analysis, which was articulated to a theoretical work on the operation of the discursive formations and, also, of the interdiscourse in the process of ideological interpellation, brings out important elements to the understanding of the ideology effects on the way the subject is subjectified. The work with a discursive semantics is, therefore, productive, in order to relate the linguistic operation to the sense constitution process through the exteriority.

Keywords: Discourse Analysis. Evangelic Discursive Formation. Female Inmate.

1 INTRODUÇÃO

¹ Professor de língua portuguesa; licenciado em Letras-Português pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: dionatan.b.garcia@gmail.com.

² Professora de língua portuguesa; licenciada em Letras-Português pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: mohnize@live.com.

³ Professora de língua portuguesa e linguística na Universidade Federal de Pelotas; Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: lucianavinhas@gmail.com

O dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso de tradição francesa (AD), de acordo com os pressupostos estabelecidos por Michel Pêcheux e seu grupo de pesquisadores, traz alguns elementos fundamentais para a compreensão dos processos de constituição, circulação e formulação dos sentidos (ORLANDI, 2005). Uma das questões que deve ser considerada desde já no presente trabalho é a consideração de que a AD trabalha com os processos de significação, os quais possuem forma de existência material, ou seja, não se trata de uma teoria de base idealista, mas, sim, de uma teoria cuja especificidade reside na observação de elementos materiais que trabalham no processo de reprodução e transformação dos processos discursivos.

Michel Pêcheux, principal responsável pelo desenvolvimento e consolidação da teoria no cenário científico e político francês, estabeleceu um dispositivo com noções que visam ao trabalho com a articulação entre, especificamente, a língua e a ideologia. Para ele, a partir de sua leitura de Louis Althusser, a ideologia ganha existência material na língua, e ele se embasou, então, em uma crítica à concepção saussuriana de língua, considerando-a relativamente autônoma, para, assim, tratar de uma linguística que admite o atravessamento do viés ideológico (e inconsciente) no processo de interpelação ideológica. Para Pêcheux ([1975] 2009), a sintaxe era o lugar material no qual se poderia observar essa relação, trazendo ampla discussão acerca das orações subordinadas adjetivas explicativas (apositivas) e restritivas (determinativas), em comparação com a reflexão proposta por Frege. O objetivo de Pêcheux era, então, visualizar como a sintaxe proporciona, linguisticamente, o local por excelência para a materialização dos processos discursivos.

Ao compreendermos que a língua é um dos lugares materiais nos quais o discurso ganha corpo, entendemos como necessário o questionamento sobre aquilo que é dito, pois, assim, é possível observar as contradições próprias dos processos discursivos. O presente trabalho, baseado nos pressupostos da semântica materialista, objetiva analisar o dizer de uma apenada da Penitenciária Feminina Madre Pelletier⁴ a fim de problematizar os efeitos subjetivos da determinação religiosa, considerando que o sujeito, nesta perspectiva teórica, é interpelado ideologicamente e se subjetiva a partir do funcionamento das formações discursivas. O recorte da fala da apenada traz um questionamento referente à determinação pelo discurso religioso; atentaremos, especialmente, para o modo como a Formação Discursiva Evangélica afeta a maneira como a apenada se subjetiva. A escolha pela análise do dizer, ou seja, da materialidade da língua oralizada, decorre do fato de ela ser uma das materialidades que colocam em circulação a relação entre ideologia e inconsciente, o que permite a identificação das marcas do funcionamento da ideologia. Nossa reflexão analisa os efeitos da sintaxe nesses processos, como será observado posteriormente.

⁴ O dizer foi recortado de uma entrevista realizada com uma apenada da Penitenciária Feminina Madre Pelletier. A entrevista consta no corpus do projeto de pesquisa “A voz de apenadas à luz da Análise de Discurso”, realizado no Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas.

Para atingir o objetivo do trabalho, dividimos nosso texto em três partes: primeiramente, apresentaremos alguns elementos teóricos importantes para o desenvolvimento da reflexão, dos quais destacamos a relação entre sintaxe e discurso no funcionamento da semântica discursiva proposta por Michel Pêcheux; em seguida, abordaremos as condições de produção do discurso, sendo apresentada a apenas entrevistada, cuja fala serviu de *corpus* para o presente trabalho; em um terceiro momento, articularemos os pressupostos teóricos da AD ao *corpus* discursivo, sendo feita, portanto, a descrição e a interpretação do recorte objeto de análise; a última seção do artigo conta com um efeito de fechamento da discussão aqui apresentada.

2 ELEMENTOS TEÓRICO-ANALÍTICOS

A leitura que Michel Pêcheux fez do materialismo histórico pela perspectiva de Louis Althusser trouxe um diferencial importante na consideração do pressuposto fundamental de que a ideologia possui uma existência material. A teorização de Pêcheux traz a língua como lugar por excelência da materialização da ideologia. Isso significa considerar que a concepção de língua sofre efeitos a partir da intervenção materialista. A língua passa a ser considerada, portanto, como materialidade do discurso, o que ocasiona uma diferença no que diz respeito à forma como o sentido se constitui e, por conseguinte, como o sujeito se constitui.

É assim que chegamos à refutação da perspectiva segundo a qual a língua mantém uma relação direta com o mundo ou com o pensamento. Os processos de significação não possuem uma relação direta com a língua, e cabe, então, à exterioridade a responsabilidade pelos sentidos possíveis de serem interpretados a partir de uma determinada materialidade. A determinação dos sentidos estabelecidos se dá através das condições sócio-histórico-ideológicas de produção do discurso.

Tal é a base sobre a qual se ancora a semântica discursiva; a semântica é questionada pela AD enquanto somente mais um nível de análise linguística, ou seja, própria do funcionamento da língua enquanto sistema. Para que exista sentido, é necessário que se estabeleça uma relação entre língua e ideologia, visto que o processo de significação não ocorre fora de uma existência concreta. Haroche, Pêcheux e Henry (2007 [1971], p. 27) dizem que a semântica discursiva será chamada de “a análise científica dos processos característicos de uma formação discursiva, essa análise que leva em consideração o elo que liga esses processos às condições nas quais o discurso é produzido (às posições às quais deve ser referido)”.

Para que uma palavra, expressão ou proposição tenha sentido, ela precisa, necessariamente, ser associada a uma formação discursiva a partir da qual poderá significar. Assim, afirmamos o postulado

básico da AD de que o sentido não está na palavra; o sentido advém da formação discursiva com a qual o sujeito se identifica no processo de interpelação ideológica. É por isso que “as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam. Podemos agora deixar claro: as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma *formação discursiva* a outra” (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 2007 [1971], p. 26).

A determinação do sentido se dá pela relação entre língua e ideologia, e é isso o que caracteriza a semântica de base discursiva. Pêcheux avança na discussão afirmando que o local próprio para essa materialização é na sintaxe. Com base nisso, dedicou estudos para a reflexão do funcionamento das orações subordinadas adjetivas restritivas e explicativas, contrapondo-se à lógica formal e ancorando-se na noção de pré-construído apresentada por Henry (1990 [1975], p. 61), definida como “o efeito subjetivo de anterioridade, de implicitamente admitido”. Pêcheux ainda diz que esse efeito está relacionado ao funcionamento restritivo da relativa.

O encaixe sintático é, então, para Pêcheux, a forma como se materializa a reprodução de saberes de determinada formação discursiva (ou, também, a subversão da reprodução desses saberes). Conforme mencionado pelo próprio autor, o termo “pré-construído” foi criado por Henry “para designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é “construído” pelo enunciado. Trata-se, em suma, do efeito discursivo ligado ao *encaixe sintático*” (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 89 [grifo do autor]).

Em resumo, com a intervenção da filosofia materialista no campo dos estudos da linguagem, deixa-se de lado a dicotomia (conforme o embasamento saussuriano) e parte-se para o trabalho com a contradição, cuja materialização se dá a partir do funcionamento das formações discursivas. Assim, os elementos acima expostos trazem os fundamentos para se entender a importância da sintaxe nos processos de significação. Embora a preocupação de Pêcheux tenha sido, prioritariamente, com a operação discursiva a partir das orações adjetivas, nosso esforço, no presente trabalho, será o de oportunizar uma reflexão acerca de outro elemento de ordem sintática no processo discursivo de produção dos sentidos. Partimos, então, para uma apresentação das condições de produção que envolvem a constituição do presente estudo.

3 A APENADA E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

Para a AD, pode-se dizer que a FD é entendida como a manifestação de uma posição em determinada formação ideológica em uma situação de enunciação específica. Dito isso, a partir da análise do *corpus*, realizamos uma configuração das possíveis formações discursivas que estariam

prioritariamente atuando no processo de interpelação ideológica da apenada entrevistada. O que observamos ao longo do trabalho é o efeito da Formação Discursiva Evangélica no processo de subjetivação da mulher que se encontra em situação de cárcere.

O recorte selecionado para análise constitui uma transcrição de uma entrevista, na qual é possível notar um conflito no dizer da apenada. Constatamos que a apenada é subjetivada por duas formações discursivas antagônicas, por nós nomeadas como a Formação Discursiva Evangélica e a Formação Discursiva de Defesa da Diversidade.

As duas formações discursivas que constituem a proposta foram denominadas como Formação Discursiva Evangélica e Formação Discursiva de Defesa da Diversidade. Conforme será observado na análise, a primeira FD foi assim configurada em função de a mulher entrevistada dizer que gosta muito de frequentar a igreja evangélica, e, inclusive, de mencionar saberes oriundos do discurso evangélico, reconhecendo, inclusive, que esta igreja não autoriza relações homoafetivas. Há, assim, um forte atravessamento dos saberes da FD Evangélica na forma como ela se subjetiva. Por outro lado, há um efeito oriundo dos saberes de outra formação discursiva, denominada de Formação Discursiva de Defesa da Diversidade, seguindo teorização proposta por Butturi Junior e Sozo (2013). A apenada se reconhece como homossexual e, ao mesmo tempo, diz não ser heterossexual.

Isso significa que, por um lado, a partir da FD Evangélica, pode-se e deve-se dizer que a homossexualidade é algo errado, que deve ser evitado, pois seria um desvio das leis de Deus; por outro lado, a partir da FD de Defesa da Diversidade, seria possível dizer que a homossexualidade é tão possível quanto a heterossexualidade, sendo uma orientação sexual possível de ser assumida por qualquer sujeito. Vamos justificar, a partir de agora, a configuração operada a partir da fala da apenada.

A apenada se reconhece como homossexual e fala, ao longo da entrevista, sobre os relacionamentos que teve antes de entrar na prisão. No entanto, também possui identificação com a religião evangélica. No decorrer da entrevista, ela menciona que compreende não poder ser as duas coisas, homossexual e evangélica, já que a religião escolhida não compreende a homossexualidade como algo aceitável.

No momento da entrevista, a apenada estava, pela segunda vez, cumprindo pena por tráfico de drogas. Mulher homossexual, era mãe de duas crianças, frutos das únicas duas relações sexuais que tivera com homens, exatamente com o intuito de engravidar e criar os filhos com a até então companheira, que a deixou para assumir outro relacionamento. O recorte a seguir expõe, nas palavras da apenada, um pouco do acontecido.

(01) Primeiro recorte operado a partir da entrevista feita com a apenada (SD01).

LOC: Lilás me conta uma coisa... como é que aconteceu o teu segundo filho?
 INF: ah... meu segundo filho foi assim... tipo... tava me envolvendo com essa gurria daí ela falou assim vamô casá? vamo! vamo tê um filho? vamo! tá má daí tem que ligá pra alguém vim aqui mi visitá pra mim pode engravidá... eu não tu não vai engravidá... quem vai engravidá vai sê eu

Sendo assim, ela relata as dificuldades do processo de maternidade no interior da prisão e a certeza de um prematuro afastamento dos filhos. Além disso, em sua fala, também menciona o seu arrependimento em relação aos crimes cometidos, por considerar o ambiente carcerário uma punição extremamente rigorosa, entristecedora e cruel – preço muito alto a pagar por seus delitos. Podemos recorrer ao segundo recorte para observar o que é aqui narrado:

(02) Segundo recorte operado a partir da entrevista feita com a apenada (SD02):

LOC: o que qui é mais difícil?
 INF: ai... olha... eu:... resumindo é tudo... tudo é difícil... é:::... o ambiente é difícil oh::: tipo/fh nu médico... intendmento médico... é totalmente difícil... O JURÍDICO TAMbém é difícil... o jurídico só dá... AQUILO ALI que tu já sabe que vai acontecê

Para darmos continuidade à reflexão, resgatamos as condições de produção do discurso da apenada, o que, sob a perspectiva da AD, mais precisamente para Orlandi (2003, p. 30), pode ser considerado, em sentido estrito, enquanto o “contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico”. Dessa forma, compreendemos que os enunciados provenientes do ambiente carcerário são afetados pelo funcionamento da prisão, consideradas tanto de forma estrita (contexto imediato da enunciação) quanto como Aparelho Repressivo de Estado (ALTHUSSER, 2008), que reproduz saberes vinculados à ideologia dominante (contexto sócio-histórico-ideológico).

Com base nas condições de produção, temos a relação de dominância entre as formações discursivas em determinada formação social. É possível afirmar, então, que as condições de produção sócio-histórico-ideológicas dependem das relações de dominância e subordinação entre as formações discursivas, as quais podem ser alteradas, mas cuja alteração é um processo dependente do acontecimento discursivo. Sendo assim, a partir do nosso recorte, consideramos que a FD Evangélica possui uma relação de determinação sobre a FD de Defesa da Diversidade. Para embasar nossa configuração entre tais formações discursivas antagônicas, chamamos algumas teorizações sobre o discurso religioso evangélico e o seu vínculo com o ambiente de privação de liberdade.

Conforme postula Martins Filho e Libaneo (1991, p. 25), “o discurso religioso tende a invadir a totalidade do campo das significações, determinando as práticas sociais. Consagra um modo de comportar-se, gera um imaginário que se infiltra nas profundezas do campo da consciência social”, e, nesse ponto, entendemos a “consciência social” como a formação discursiva dominante em uma

conjuntura social. Dessa forma, não podemos negar a forte influência desse discurso na formação social na qual estamos inseridos.

No nosso trabalho, relacionamos os efeitos do discurso evangélico à privação de liberdade pelo encarceramento, visto que, na prisão, a condição de isolamento e vulnerabilidade favorece a identificação das apenadas com discursos como o evangélico, que apresenta mensagens de salvação como sendo “verdades absolutas”, ou seja, trata-se de discursos com efeito de verdade, associados a uma literalidade do sentido.

Então, dentre as diferentes possibilidades de identificação na constituição da subjetividade, a prisão pode favorecer uma identificação com os saberes configurados na FD evangélica. A definição de formação discursiva, embora ainda não aqui formalizada, é por nós entendida conforme apresentada por Pêcheux e Fuchs (1997 [1975], p. 166-167): as formações discursivas “determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes”. As prisões brasileiras, historicamente, são consideradas como um arquivo de pessoas pretas, pobres e de baixa escolaridade. É, então, pensando nesse ponto que o discurso evangélico se associa ao recalçamento da luta de classes ao apaziguar as inquietações e os questionamentos dos sujeitos presos, colocando-os em um lugar de subordinação frente ao divino, o que impediria a tomada de consciência de classe e o rompimento com a sociedade capitalista. Os presos viram “bons sujeitos”. Temos, então, a ideologia dominante funcionando no sentido de impedir a luta de classes pela disputa de consciências através da Formação Discursiva Evangélica.

Sendo assim, acreditamos que a situação de privação de liberdade e seus efeitos na subjetivação, aspectos recorrentes no cárcere, colaboram para a reprodução de discursos que oferecem respostas e soluções prontas, tal como o discurso evangélico. Dentro da prisão, as soluções mais fáceis são trazidas pela religião. A religião vende uma solução para as pessoas mais vulneráveis: seguir o caminho de Deus. Em outros termos, a forma como o discurso religioso circula dá a ele um efeito de evidência vinculado ao discurso autoritário (ORLANDI, 2006). Conforme Lima (2002, p. 14),

O discurso religioso é marcado também pela obscuridade, a qual se deve ao fato de ocultar o que não convém que seja dito e, principalmente, por fazer com que os sujeitos tenham que se esforçar para entender o desconhecido, o intocável, o enigmático, o que está tão perto e ao mesmo tempo tão distante.

Parece-nos relevante considerar, também, que a complexidade e obscuridade, características inerentes ao discurso religioso (neste caso, religioso evangélico) corroboram para a reprodução desses saberes no ambiente carcerário, afinal, este espaço é ocupado, normalmente, por sujeitos pouco escolarizados, conforme mencionamos acima. Por sua natureza enigmática, esse discurso é reproduzido por sujeitos que se identificam com aquilo que é dito sem, muitas vezes, questionar, ou

seja, sem reversibilidade (ORLANDI, 2019). Entende-se que, no discurso religioso aqui analisado, haveria uma caçada pelo divino, a qual se configura em uma busca pelos sentidos deixados por Deus nos livros da Bíblia, conforme aponta Rodriguez (2003, p. 48):

Tanto no pensamento religioso como no pensamento que chamamos de natural, a interpretação está fora da constituição do sentido. No primeiro, os sentidos estão dados por Deus, através da revelação, a sujeitos autorizados: o papa, o clero, que devem ser fiéis representantes da palavra divina.

Tendo isto em vista, percebemos as condições que contribuem para que a apenada não questione uma possível inclusão dos homossexuais nas instituições religiosas, visto que os sentidos dados por Deus não são passíveis de interpretação e, portanto, são inalteráveis. Resta, como uma única alternativa, alterar a si mesma a fim de adequar-se aos padrões heteronormativos da religião evangélica.

4 DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO *CORPUS*

No processo de constituição do nosso *corpus* discursivo, lançamos mão das noções de falta, excesso e estranhamento, apresentadas por Ernst (2009, p. 02): “Esses conceitos aqui tomam uma dimensão, pode-se dizer operacional, de reconhecimento de sequências discursivas que possibilitam criar o gesto de interpretação do analista frente aos seus propósitos”. Em outras palavras, podemos dizer que os conceitos que a autora apresenta facilitam o processo de recorte do *corpus* empírico para chegarmos ao *corpus* discursivo. No nosso trabalho, especificamente, nos valem da noção de estranhamento, o que, para Ernst (2009, p. 05), é entendido como

estratégia discursiva que expõe o conflito entre formações discursivas e consiste na apresentação de elementos intradiscursivos – palavras, expressões e/ou orações – e interdiscursivos, da ordem do ex-cêntrico, isto é, daquilo que se situa *fora* do que está sendo dito, mas que incide na cadeia significante, marcando uma *desordem* no enunciado [grifos da autora].

O *corpus* do nosso trabalho é constituído por uma transcrição da entrevista na qual se nota um conflito entre os desejos da apenada. Até a metade da entrevista, a apenada pareceu apresentar uma identificação com a formação discursiva denominada por nós como FD de Defesa da Diversidade (cf. BUTTURI JUNIOR e SOZO, 2013), por se considerar homossexual e por não ter receios em afirmá-lo. Entretanto, após ser questionada se tinha religião, a apenada revelou ser evangélica, o que desencadeou em sua fala uma contradição discursiva, que, segundo a AD, pode acontecer em função do atravessamento do discurso-outro na forma como o sujeito se constitui. Ao mesmo tempo em que

ela desejava adequar-se aos princípios evangélicos, ela entendia não ser possível abdicar de sua orientação sexual. Perguntada se tinha religião, a apenas respondeu conforme consta em (03):

(03) Terceiro recorte operado a partir da entrevista feita com a apenas (SD03).

não assim religião religião não... mas assim eu acredito muito em deus... confio acredito em deus... eu vô aos culto tudo... né antes eu ia na igreja me batizei cheguei a me batizá tudo mas aí eu me desviei... comecei fazê esses negócio... mas assim eu acredito muito gosto di ih na igreja evangélica mas essa questão di... a elis não... elis criticam as pessoas... pessoas ho-mos-se-xu-al como eu gosto mesmo de sexo... é aquela coisa mas tipo... deus né qué as pessoa né vêm a mim de coração () então acho assim... acho qui deus né... qui tira as coisas... tá certo qui ele fez Adão e Eva pra sê... fez homem fez mulher pra né ficarem juntos... eu falo... tem duas mulheres qui estão se relacionando... então eu falo quem sabi mais pra frente mas agora acho qui não é o momento ainda... né... de eu dizê não quero uma mulher... mas também não queru um homem... má fico di olho na mulher

A partir do recorte acima apresentado, foi possível acionar a categoria de estranhamento proposta por Ernst (2009); afinal, um dos pressupostos da religião evangélica, assim como a maioria das religiões cristãs, é de que a homossexualidade não é aprovada. Acreditamos ser esta a razão pela qual a apenas não consegue se apropriar do termo evangélica e nem dizer que possui religião, mesmo quando adere em sua rotina às práticas de adoração, como, por exemplo, frequência nos cultos e leituras bíblicas.

Foi, possível, então, em um primeiro momento, relacionar o recorte selecionado à categoria de *estranhamento* em função da contradição que se apresenta na fala da apenas. Apesar de ser homossexual, a apenas se identifica com o discurso religioso evangélico. Assim, então, temos a materialidade que aponta para essa contradição, a qual pode ser recuperada através do funcionamento do enunciado dividido, marcado linguisticamente pelo operador de contrajunção MAS. Quando a apenas diz “antes eu ia na igreja me batizei cheguei a me batizá tudo mas aí eu me desviei”, podemos observar a materialização do discurso-outro no enunciado: ela é determinada por duas formações discursivas antagônicas, que ganham corpo sintaticamente através da introdução da oração coordenada adversativa, com cujos saberes se identifica.

O enunciado dividido caracteriza, para Courtine (2009, p. 24), “o fato de que uma formação discursiva é constitutivamente perseguida por seu outro”. É ela, portanto, que nos ajuda a colocar em discussão a forma heterogênea como o discurso se constitui, sendo sempre constituído por seu outro, por uma alteridade advinda do interdiscurso (cf. CAZARIN, 2013). Apesar de a apenas não se identificar com os saberes da Formação Discursiva Evangélica, utiliza-se de um recurso linguístico próprio do discurso evangélico, a saber, a estrutura sintática “Eu me desviei” (conforme veremos a seguir), para afirmar sua contraidentificação com essa FD. A subjetivação do indivíduo em sujeito se dá na contradição.

Assim, ao ser questionada se tinha religião, a apenas hesita ao responder, fica um pouco em silêncio e repete a palavra “religião” duas vezes. Nesse momento, a língua demonstra falhas, exatamente por haver esse conflito entre as formações discursivas. Em função de sua orientação sexual, a apenas menciona que *se desviou*. Ao dizer “eu me desviei”, ela reproduz um enunciado característico do discurso evangélico, no qual se constata o apagamento, a falta, do complemento do verbo “desviar”, pois a referida construção sintática exigiria a presença do objeto indireto. Afinal, quem se desvia, desvia-se de algo, e, assim, questionamos como esse apagamento funciona discursivamente. Para Ernst (2009, p. 04), a falta é entendida como uma estratégia discursiva que se ancora em dois pressupostos essenciais:

1) na omissão de palavras, expressões e/ou orações, consentida inclusive pela gramática, que podem (ou não) ser resgatadas pelo sujeito-interlocutor; 2) na omissão de elementos interdiscursivos que são esperados, mas não ocorrem e podem (ou não) ser percebidos pelo sujeito-interlocutor. No primeiro caso, ela se constitui num lugar em que são criadas zonas de obscuridade e incompletude na cadeia significativa com fins ideológicos determinados; no segundo, cria um vazio que visa, na maioria das vezes, encobrir pressupostos ideológicos ameaçadores.

No discurso evangélico, “desviar-se” refere-se sempre ao sujeito que, depois de já inserido e adepto à igreja, deixa de cumprir os convênios “feitos com Deus” e passa a viver os prazeres do mundo, sendo condenado à morte eterna “A pessoa que se desvia do caminho da sensatez na assembléia dos mortos permanecerá” (PROVÉRBIOS 21:16). Partindo da afirmação de Orlandi (1988, p. 85), para quem “há variação nos sentidos e há sedimentação histórica dos sentidos”, percebemos que o sentido do verbo, no contexto evangélico, já está sedimentado, se tornou permanente e, por isso, estabelece o mesmo efeito de sentido, vinculado à Formação Discursiva Evangélica, o que explica o apagamento do objeto indireto.

Sendo assim, podemos dizer que enunciados, como os que a apenas reproduziu, ligam-se às determinações históricas de saberes produzidos por um grupo afetado pela religião, o que explica a aparente naturalidade deste apagamento que quase não soa como uma falta. A apenas se reconhece como “desviante” por compreender que não se enquadra aos princípios heteronormativos da instituição religiosa. No entanto, esse “desvio” apresenta uma peculiaridade se compreendido dentro do quadro teórico da Análise de Discurso, e, para tanto, chamaremos a noção de esquecimento nº2.

Antes disso, é possível dizer que, apesar de identificar-se com os saberes que constituem a referida formação discursiva e de aceitar os saberes heteronormativos da instituição, ela questiona as práticas excludentes da igreja por esta instituição compreender que os homossexuais não seguem o caminho de Deus. Essa prática chama a atenção do analista de discurso, pois nos ajuda a compreender o conflito: o discurso religioso caracteriza-se por ser autoritário e assimétrico quanto à posição dos interlocutores; entretanto, por conta dos saberes de outra Formação Discursiva, a saber, a Formação

Discursiva da Defesa da Diversidade, a apenada é capaz de se rebelar, ou pelo menos questionar a unilateralidade da Formação Discursiva Evangélica.

Seguimos a reflexão para chegarmos ao último ponto referente à descrição e à interpretação do *corpus*: vamos tratar sobre os efeitos do esquecimento n° 2 na relação da apenada com o seu corpo. Este esquecimento, caracterizado, na teoria materialista dos sentidos, como da ordem da enunciação, funcionando entre a zona do consciente e do pré-consciente, traz ao sujeito a ilusão subjetiva de que controla a enunciação de forma a controlar, também, o efeito de sentido estabelecido a partir de sua fala.

Na tentativa de se adequar às normas da religião, a apenada “esquece” que sua sexualidade é uma orientação e não uma opção, e tenta, sem sucesso, controlar o efeito do seu discurso ao dizer que no futuro poderá - se assim desejar - relacionar-se com homens e adequar-se aos padrões heteronormativos da religião evangélica. Em (04) resgatamos o recorte a partir do qual podemos perceber esse conflito pela atuação do esquecimento:

(04) Quarto recorte operado a partir da entrevista feita com a apenada (SD04).

mas agora acho qui não é o momento ainda... né... de eu dizê não quero uma mulher...
mas também não queru um homem... má fico di olho na mulher

Segundo Pêcheux (2009 [1975]), o esquecimento n° 2 é aquele a partir do qual o sujeito seleciona as palavras e expressões que compõem o seu dizer, ou seja, o sujeito privilegia algumas formas e sequências discursivas e exclui outras. Portanto, ele esquece que tudo o que fala, bem como o fato de que o sentido de tudo o que fala, vem da formação discursiva à qual está filiado. Sendo assim, nota-se que a apenada é subjetivada a partir da identificação com a Formação Discursiva Evangélica. O processo de interpelação ideológica é indissociável do conceito de sujeito, o qual é determinado pelo inconsciente. O sujeito, então, é assujeitado e atravessado pela linguagem, pelo inconsciente e pela ideologia. Nas palavras de Ferreira (2007, p. 104):

Ao ser constituído pela linguagem, o sujeito encontra nela sua morada e disso decorre uma marca do sujeito enquanto efeito de linguagem. Por outro lado, ao sofrer a determinação da ideologia, por via da interpelação, o sujeito se configura como assujeitado. E por ser também um sujeito do inconsciente, descontínuo por excelência e que se ordena por irrupções pontuais, esse sujeito se mostra como desejante.

Portanto, a apenada, ao afirmar que, naquele momento, ainda não estava preparada para relacionar-se com um homem, sofreu, por via da interpelação, a determinação da ideologia evangélica, configurando-se como um sujeito assujeitado, o qual reproduz o discurso da sexualidade como opção e não orientação. O funcionamento do esquecimento n° 2 materializa-se a partir do corpo, pois a apenada, ao dizer que este não é o momento ainda de deixar de se relacionar com mulheres,

ignora a parte biológica da sexualidade, ao considerar a possibilidade do seu corpo desejar um corpo do sexo masculino, para além do ato reprodutivo. Assim, trazemos Lima (2002, p. 14), que, ao tratar sobre o discurso evangélico, diz:

Na tentativa de entender todo o conteúdo aportado pelo discurso religioso, o fiel nem sempre faz uso da racionalidade, sendo capaz de compreender ou até mesmo de aceitar somente através da fé o que lhe é apresentado. Esse fazer crer que cabe ao discurso religioso, apesar de seu caráter obscuro e não-empírico, é a confirmação do poder que o envolve.

Temos, então, como principais elementos de nosso desenvolvimento descritivo e interpretativo, a atuação do enunciado dividido (recuperado através da noção de estranhamento), do esquecimento n° 2 e da sintaxe como forma material da ideologia (recuperada através do apagamento do objeto indireto no verbo “desviar” e da coordenada adversativa, referida ao enunciado dividido). Conseguimos, dessa forma, empreender uma análise baseada na semântica discursiva que articula elementos da exterioridade ao funcionamento do processo de produção da significação. A significação, então, depende, de forma determinante, da atuação da ideologia articulada à língua.

5 EFEITO DE FECHAMENTO

Ao fim deste texto, passamos a refletir sobre a contribuição que nosso trabalho pode trazer ao meio a qual nos inserimos, tendo em vista não só o meio acadêmico, mas também a sociedade em geral. Após tal movimento, concluímos que ele se justifica, primeiramente, por se tratar de um estudo inovador na área da Análise de Discurso, trazendo contribuições para o desenvolvimento metodológico da teoria a partir das categorias de falta e estranhamento propostas por Ernst (2009). Ademais, julgamos relevante qualquer movimento que busque explicitar o funcionamento de formações discursivas que funcionam nas condições sócio-histórico-ideológicas de produção do discurso na contemporaneidade, já que, dessa forma, o trabalho linguístico fornece também uma reflexão importante para o cenário brasileiro atual.

O trabalho apresenta especial relevância por promover um debate que se sustenta no que se denominou, para Haroche, Pêcheux e Henry (2007), como “semântica discursiva”, cuja principal contribuição se ancora no pressuposto fundamental de que o processo de significação não se sustenta fora da exterioridade. Tal elemento teórico proporciona o estabelecimento de reflexões que avançam na forma como sujeito e sentido se constituem, reconhecendo o papel determinante desempenhado pela materialidade linguística. Trata-se, portanto, de uma teoria de base materialista, não podendo ser desenvolvido qualquer tipo de produção de sentido calcado em uma visão idealista e conteudista.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. **Provérbios**. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. 1110 p. Velho Testamento e Novo Testamento.

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BUTTURI JUNIOR, Atílio.; SOZO, Jéssica Roberta. Uma análise de discurso sobre/da homossexualidade na imprensa online: o caso da posse de Marco Feliciano na CDHM. **Working Papers em Linguística**, 13(3): 82-96, Florianópolis, ago/dez, 2013.

CAZARIN, Ercília. O funcionamento discursivo da negação e da promessa do discurso religioso. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 9, n. 2, p. 358-370, jul./dez. 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck et al. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

ERNST, Aracy Graça. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. A trama enfática do sujeito. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs.) **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 99-108.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser. **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007, p. 13-32.

HENRY, Paul. Construções relativas e articulações discursivas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, (19): 43-64, jul./dez. 1990 [1975].

LIMA, Elisane Pinto da Silva Machado de. **Se formos fiéis a ele, ele certamente será fiel a nós**: a condicionalidade e o discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus. Dissertação de Mestrado. Pelotas: UCPel, 2002.

MARTINS FILHO, Miguel.; LIBANEO, João Batista. **A busca do sagrado**. São Paulo: FTD, 1991.

ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**: São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 5.ed. Campinas: Pontes, 2003.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2.ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4.ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____. Entrevista com Eni Orlandi: “Penso que toda história intelectual começa muito antes de começar”. In: OLIVEIRA, Guilherme Adorno de; NOGUEIRA, Luciana. (Orgs.) **Encontros na análise de discurso: efeitos de sentidos entre continentes**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2019, p. 21-90.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Orlandi et al. 4.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009 [1975].

_____; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethania Mariani et al. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997 [1975].

RODRIGUEZ, Carolina. Sentido, interpretação e história. In: ORLANDI, Eni. (Org.) **A leitura e os leitores**. 2.ed. Campinas: Pontes, 2003, p. 47-59.

Submetido em: 30/08/2019. Aprovado em: 30/03/2020.